

Nos últimos anos, a TECCOGS tem apresentado – a partir de uma diversidade de perspectivas teóricas e bases metodológicas – reflexões sobre o tópico da desinformação e suas variantes temáticas como fakenews, deepfake, infodemia, pós-verdade (cf. edição 23). Neste número, retomamos o problema da desinformação no mundo digital focalizando o seu impacto no campo político e modo como a internet tem se mostrado um terreno fértil para a pseudo-ciência e mesmo para o desenvolvimento de uma mentalidade anti-científica. Ainda que constitua fenômeno relativamente novo, já podemos notar que as campanhas de desinformação são plenamente capazes de interferir no grau de credibilidade/legitimidade que as pessoas depositam em instituições basilares da democracia como imprensa, ciência, escola, universidade, justiça, sistema eleitoral, entre outras. Se entendermos a política como a esfera da vida coletiva onde decidimos acerca de nosso destino comum, a desinformação – potencializada pela escala e pela lógica comunicacional reticular e horizontalizada desses tempos digitais – já tem se mostrado capaz de moldar o destino de nossas sociedades.

O entrevistado desta edição é Ronaldo Pilati, psicólogo e professor da Universidade de Brasília (UnB). É autor do livro “Ciência e pseudociência: por que acreditamos apenas naquilo em que queremos acreditar” (publicado em 2018). Pilati trabalha com modelos teórico-metodológicos de cognição social e psicologia social transcultural voltados para compreensão de diversos tipos de processos comportamentais, entre eles os de elaboração e entendimento do pensamento científico. O foco da entrevista está na distinção conceitual entre ciência e pseudociência e também está nos modelos teóricos – especialmente no chamado modelo cognitivo dual – que os cientistas desenvolveram nas últimas décadas para descrever as vulnerabilidades e limitações da cognição humana.

¹ Semioticista e pesquisador do Centro Internacional de Estudos Peirceanos (CIEP/PUC-SP) e do grupo de pesquisa Transobjeto (TIDD-PUC-SP); doutor pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (TIDD) da PUC-SP (2014); professor dos cursos de Comunicação Social da Universidade Anhembi-Morumbi. CV Lattes: lattes.cnpq.br/3463780553418311. ORCID: orcid.org/0000-0002-0063-6119. E-mail: gustrick@gmail.com.

Abrimos a seção de artigos com um texto em que Tarcísio Cardoso e Carlos Magno Barreto colocam à disposição do leitor uma abordagem semiótica para lidar com o cipoal epistemológico contemporâneo: desinformação, fake news, pós-verdade, “fatos alternativos”, etc. Os autores chamam atenção para a diferença entre uma perspectiva lógica que foca na validade do raciocínios e nos princípios que garantem a preservação da verdade das premissas para a conclusão e uma perspectiva psicológica que foca nas impressão de verdade e nos impulsos que um indivíduo sente para aceitar uma proposição como verdadeira e estabelecer crença. Cardoso e Barreto trazem para reflexão sobre o cenário contemporâneo não apenas os escritos de C. S. Peirce sobre lógica e semiótica, mas também as contribuições de vários estudiosos do pensamento peirceano.

No segundo artigo da seção, Ana Luiza Noblat de Aguiar e Bernardo Queiroz apresentam os resultados de uma pesquisa de campo sobre a interferência de crenças ideológico-políticas preexistentes na capacidade que os indivíduos têm para distinguir notícias verdadeiras de notícias falsas no ambiente das redes sociais digitais. A pesquisa foi realizada nas últimas eleições gerais (2018) e contou com entrevistas com 1.162 pessoas na cidade de São Paulo. Aguiar e Queiroz fazem uma valorosa contribuição para os debates sobre desinformação e fakenews, quando baseados em interpretação dos dados da pesquisa, operam uma distinção entre o fenômeno da influência do viés político ideológico no julgamento a respeito da veracidade de uma notícia e os fenômenos aos quais nos acostumamos a designar com as expressões “câmaras de eco” e “filtros-bolha”.

No terceiro e último artigo da seção de artigos, apresento em parceria com Ronaldo Marin a primeira parte de um estudo de base semiótica sobre estratégias mobilizadas pelas diversas formas de pseudociência para explorar o “analfabetismo” científico e as dificuldades enfrentadas pela divulgação científica. Nesta primeira parte do estudo, procuramos demonstrar que parte considerável dos problemas envolvidos no processo de divulgação científica é devido ao fato de ele se concentra (de forma excessiva) no que geralmente é denominado de “conhecimento de conteúdo” e concede pouca atenção a outros tipos de conhecimento que deveriam compor o “kit de letramento científico” (como o conhecimento procedural e epistêmico). A segunda parte do estudo será publicada na edição seguinte da TECCOGs.

Na seção “Resenha”, Oscar Cesarotto resenha o livro “Existe Inteligência Libidinal?”, de Roseli Gimenes, trazendo para este número da revista reflexões da semiótica psicanalítica a respeito da tecnocracia e do

avanço contemporâneo do mundo digital e sua influência sobre a psiquê humana.

Na seção dossiê, apresento nas linhas argumentativas de um breve ensaio a constatação que estamos começando a experienciar o que chamo de “Era da Internet Desencantada”. O desencantamento em relação ao mundo digital é resultado da convergência entre a experiência dos efeitos nocivos de nossa vida “always online” (sobretudo, no campo político como explicitado acima) e a popularização de uma imagem (de base científica) cada vez mais desprestigiada a respeito da racionalidade humana e de nossas capacidades cognitivas. Embora este processo de desencantamento pareça ser um convite ao pessimismo e desespero, principalmente para aqueles que embarcaram no discurso apologético de uma época que se anunciava como “Era da Informação”, não devemos nos deixar paralisar pelo choque inicial diante do tamanho do problema.

As mudanças ocasionadas pelo novo mundo digital são profundas. Elas nos impõem desafios em praticamente todos os campos da experiência humana. Não apenas nossas instituições de ensino e pesquisa devem se adaptar às demandas desses novos tempos, mas, toda e qualquer instituição que lide diretamente com produção de conhecimento e transmissão de informação (como é o caso da imprensa e da mídia em geral). Durante o processo eleitoral de 2022, os brasileiros tomaram conhecimento do abismo epistêmico aberto pelas novas mídias digitais com sua ininterrupta produção de chorume informacional e sua inesgotável capacidade de influenciar no processo decisório do cidadão. Seja qual for a dimensão desses desafios contemporâneos, a primeira tarefa é sermos capazes de capturá-los teórica e conceitualmente. É justamente para esta tarefa inicial de captura teórico-conceitual que este número da TECCOGS está dedicado.